

Seleção social e o ensino superior das desigualdades: os determinantes da aprovação no vestibular da UFRJ – 1993*

Marcelo Costa Ferreira

Palavras-chave: desigualdades sociais; ensino superior; sociologia da educação.



* Diversas pessoas viabilizaram a execução desta pesquisa, às quais manifesto os meus agradecimentos. As sugestões do parecerista anônimo também foram incorporadas ao texto, ao qual manifesto a minha gratidão. Entretanto, eles estão isentos de quaisquer limitações ou equívocos que o estudo possa apresentar. O argumento apresentado neste texto é de minha autoria e de minha inteira responsabilidade, e a análise de dados efetuados neste estudo não representa nenhum parecer institucional da UFRJ.

.....

A imagem das universidades públicas brasileiras ainda é descrita pelo adjetivo "elitista" por muitos formadores de opinião. Porém, a análise dos modelos de regressão múltipla logística, efetuada em dados da pesquisa sociocultural dos vestibulandos da UFRJ em 1993, revela fracos coeficientes em algumas variáveis independentes de origem socioeconômica e de consumo cultural. A análise dos dados não corrobora a idéia de uma seleção social "elitista" na referida instituição, quando controlamos a modelagem estatística analisada pela competitividade (relação candidato/vaga) dos cursos. Conclui-se que os percentuais das características socioeconômicas e culturais dos aprovados do vestibular mostram um corpo discente com um perfil de classe média, e não de elevada origem social.

Introdução

A questão da gratuidade dos cursos superiores nas universidades públicas brasileiras é um dos argumentos mais usados nos debates sobre as universidades brasileiras na grande imprensa e nos meios universitários. Especificamente, argumenta-se que o fato de não se cobrar mensalidades

dos alunos das universidades públicas consistiria num flagrante privilégio para as classes altas brasileiras, já que elas poderiam contribuir com os custos do ensino superior, enquanto os setores sociais mais desfavorecidos em termos socioeconômicos e com baixas possibilidades de aprovação no vestibular das universidades públicas acabam por autofinanciar a sua formação superior em instituições privadas.¹ A universidade pública brasileira é descrita como elitista, como se a seleção social dos estudantes no sistema de ensino superior público no Brasil fosse a mesma de uma universidade da *Ivy League* nos Estados Unidos, tal qual descreve Galbraith (1985, p. 26):

Aqueles que, na ocasião [início deste século], eram responsáveis pela admissão em Princeton, favoreciam o que era chamado de "tipo Princeton". Até o ponto em que seria possível [definir que] (...) o "tipo Princeton" era como um ex-aluno de Princeton: rico, branco, anglo-saxão e em geral protestante; originário de escola secundária razoável, de família importante e de bairro grã-fino, quase sempre da aristocracia de Filadélfia, e extremamente cuidadoso com a higiene pessoal.

O Brasil, até 1968, partilhava de um sistema de ensino superior baseado em diretrizes francesas. Na França, as elites dirigentes são formadas nas *Grandes Écoles* – Politécnica, Escola Normal Superior, Escola de Ciências Políticas e a Escola Nacional de Administração. Este processo seria tão estático que Bourdieu (1989) denominou a formação daquelas elites como a gênese de uma nobreza do Estado. No Brasil, as escolas profissionais de Direito, Medicina e Engenharia detinham o monopólio da formação das elites até a década de 1930.

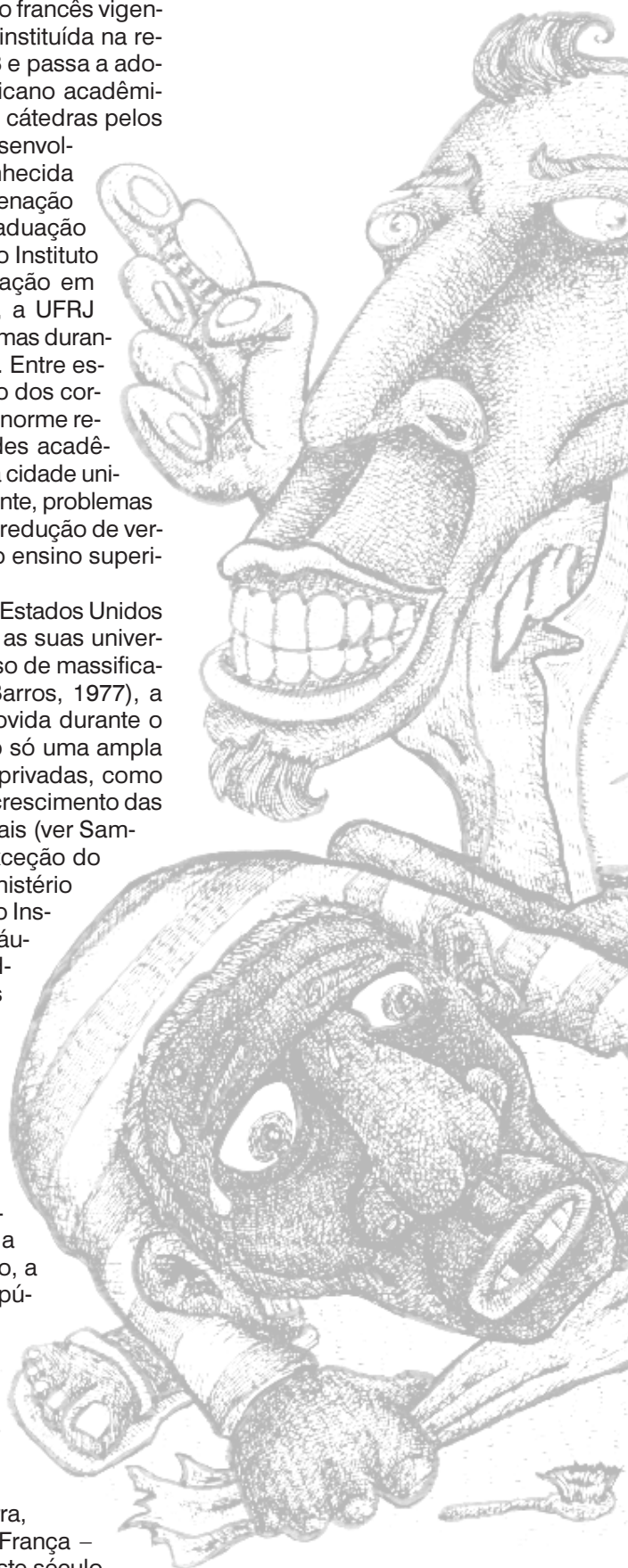
Esse panorama foi alterado com a criação da Universidade de São Paulo (USP), em 1935, e da Universidade do Brasil (UB), em 1939. Essas universidades tinham como objetivo ampliar o leque de possibilidades de formação superior no Brasil, devendo ser um padrão de excelência e modelo para outros estabelecimentos de nível superior. A UB é transformada em Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1966, a partir da reforma do ensino superior realizada na época do governo militar.

¹ Entrevista de José Arthur Giannotti a Elio Gaspari. Segundo Giannotti, "estamos todos de acordo que as camadas mais ricas da sociedade brasileira estudam de graça nas universidades públicas, com o dinheiro de todos os contribuintes. Basta procurar estudantes negros numa grande universidade pública para se perceber que esse sistema é injusto. Nossa educação é de um elitismo brutal. Eu defendo o pagamento de qualquer taxa." (*O Globo*, 13 de dezembro de 1998).

Abandonando o padrão francês vigente na antiga UB, a UFRJ é instituída na reforma universitária de 1968 e passa a adotar o esquema norte-americano acadêmico, com a substituição das cátedras pelos departamentos. Mesmo desenvolvendo instituições de reconhecida capacidade, como a Coordenação de Programas de Pós-Graduação em Engenharia (Coppe) e o Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração (Coppead), a UFRJ apresentou diversos problemas durante o período de 1980-1990. Entre esses anos, a forte politização dos corpos docente e discente, a enorme resistência de muitas unidades acadêmicas à transferência para a cidade universitária e, mais recentemente, problemas financeiros decorrentes da redução de verbas governamentais para o ensino superior público.

Enquanto a França, os Estados Unidos e a Inglaterra preservaram as suas universidades de elite do processo de massificação do ensino superior (Barros, 1977), a política educacional promovida durante o regime militar permitiu não só uma ampla expansão das faculdades privadas, como desencadeou um enorme crescimento das vagas nas instituições oficiais (ver Sampaio, 1991, p. 16). Com exceção do Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores, do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (Easp)² da Fundação Getúlio Vargas, todas as universidades públicas de primeira linha – como a USP e a UFRJ, por exemplo – ampliaram de forma considerável as vagas para novos estudantes, em comparação com a década de 1960. Entretanto, a imagem das universidades públicas brasileiras ainda é considerada, pela grande imprensa, como elitista (Estudante..., 1994).

Ensinos superiores típicos de seleção de elites são presentes na Inglaterra, nos Estados Unidos e na França – principalmente no início deste século.



² Instituição privada, mas que recebe verbas públicas e que tem uma elevada seletividade social, além de fornecer quadros para as grandes corporações empresariais paulistas.

A formação das classes dirigentes desses países (Barros, 1977) é estruturada num reduzido conjunto de instituições de elevado padrão social, calcado numa larga base de escolas superiores de menor seletividade social. Na Inglaterra, as *rock brick universities*, Cambridge e Oxford, tiveram um papel de socialização e formação da identidade da elite. As chamadas *Top Universities* dos Estados Unidos – Harvard, Yale, Princeton, Columbia, Stanford, Chicago, Michigan, Berkeley, entre outras – não só formam a elite dirigente do país como concentram a maior parte das atividades de pesquisa. São instituições privadas, de elevado custo financeiro, e marcadas por uma forte seletividade no recrutamento dos seus estudantes. Já a França forma os seus dirigentes nas grandes escolas: a Politécnica, a Normal Superior e a Nacional de Administração, cujo ensino é gratuito. Excluindo o caso francês, praticamente todas as universidades de elite na Inglaterra e nos Estados Unidos são pagas.

Esse debate sobre a questão da gratuitidade ou não do ensino superior é muito relevante, pois está associada a uma preocupação com a questão da democratização do ensino superior público. Então, a idéia que desenvolvo neste artigo é a de que a universidade pública brasileira não é tão rigorosa na seleção social dos seus estudantes quanto as grandes universidades de elite em países como a França, a Inglaterra ou os Estados Unidos. O corpo discente das universidades públicas seria composto, em grande parte, por membros oriundos de estratos médios da população brasileira. Além disso, a seleção dos candidatos não é tão restrita em termos socioeconômicos quanto o adjetivo "elitista", atribuído às universidades públicas, pressupõe. A análise dos dados sugere que os atributos das variáveis de cunho socioeconômico que indicariam maior seletividade social não são estatisticamente significativos, no sentido literal de que os alunos com maior origem socioeconômica teriam maiores chances de aprovação do que os alunos mais desfavorecidos socialmente, quando consideramos a competitividade (relação candidato/vaga) dos cursos.

Além disso, o perfil socioeconômico e cultural dos vestibulandos como um todo não é muito diferente dos aprovados no vestibular da UFRJ: classe média, com bons níveis de escolaridade, renda e razoável acúmulo de capital cultural. A tese de que só alunos de camadas mais favorecidas entrariam na UFRJ não é confirmada, pois se essa idéia fosse verdadeira, todas as estimativas das variáveis independentes, presentes nas modelagens logísticas relativas aos determinantes da aprovação no vestibular, empregadas neste trabalho, apontariam uma maior seletividade social, independente da competitividade de cada grupo de carreira.

O artigo está dividido em mais quatro partes. Na seção subsequente, são apresentados os dados e os métodos utilizados neste estudo. A seguir, é discutida a diversidade sociocultural dos vestibulandos. Na seção seguinte, são analisados os determinantes da aprovação no vestibular da UFRJ, comparados com o perfil socioeconômico e cultural dos aprovados no vestibular. Na conclusão, são resumidos os principais pontos desta pesquisa.

Dados e métodos

Este estudo utiliza um banco de dados contendo as respostas dos vestibulandos da UFRJ no ano de 1993 ao questionário sociocultural aplicado a todos os candidatos no momento de inscrição no vestibular. No referido ano, um total 39.035 candidatos inscreveram-se no concurso; e, dos inscritos presentes na base empírica, foram aprovados 13,09%. Para identificar de forma mais clara o teste da hipótese, foram geradas quatro amostras cujo critério de elaboração foi separar os vestibulandos em distintos grupos de concorrentes, a partir da relação candidato/vaga do curso no qual o vestibulando se inscrevera. Num segundo momento (ver Tabela 1), foram excluídos da análise do banco de dados os candidatos de cursos com relação candidato/vaga menor do que um candidato por vaga, como Música ou Artes, o que resultou na análise de 38.682 candidatos na base de dados utilizada neste estudo. É o que resume a Tabela 1.³

³ As tabelas e o diagrama do presente estudo foram elaborados pelo autor a partir dos dados coletados.

Tabela 1 – Competitividade por cursos

Competitividade	Relação Candidato/Vaga	Cursos	Candidatos	Vagas	Candidatos/Vagas
Muito elevada competição	>20	Medicina Odontologia	5.444 2.056	192 80	28,35 25,70
Elevada competição	Entre 8 e 20	Comunicação Social ¹ Administração Direito Matemática ²	2.683 1.990 5.944 2.666	180 160 510 260	14,91 12,44 11,65 10,25
Média competição	Entre 4 e 7	Licenciatura em Educação Física Nutrição Ciências Contábeis Psicologia Engenharia ³ Ciências Biológicas Farmácia Ciências Econômicas	921 646 1.224 1.212 4.228 809 872 924	96 72 150 160 560 120 144 160	9,59 8,97 8,16 7,58 7,55 6,74 6,06 5,78
Baixa competição	Entre 1 e 4	Enfermagem Engenharia Química* Desenho Industrial Arquitetura Pedagogia Serviço Social História Química Geologia Metereologia Astronomia Geografia Física Letras ⁴ Ciências Sociais Filosofia	819 1.356 472 974 356 516 268 265 120 44 63 126 312 1.039 214 119	144 240 100 240 90 170 90 90 50 20 30 60 160 546 120 80	5,69 5,65 4,72 4,06 3,96 3,04 2,98 2,94 2,40 2,20 2,10 2,10 1,95 1,90 1,78 1,49
Escassa competição	Abaixo de 1	Artes Música – Vocal – Canto Licenciatura em Educação Artes Utilitárias Música – Corda Dedilhada Música – Sopro Música – Teclado Música – Teoria Musical Música – Corda e Arco	113 9 94 81 17 9 19 5 6	100 8 99 90 20 17 47 15 20	1,13 1,13 0,95 0,90 0,85 0,53 0,40 0,33 0,30

* Devido ao prestígio social desses cursos, eles foram incluídos no grupo subsequente de maior relação candidato/vaga.

¹ Inclui candidatos dos seguintes cursos: Jornalismo, Publicidade, Produção Editorial e Radialismo.

² Inclui candidatos dos seguintes cursos: Informática, Estatística, Matemática, Atuária e Licenciatura.

³ Inclui candidatos de todas as subopções do curso de Engenharia.

⁴ Inclui candidatos de todas as subopções do curso de Letras.

Além das modelagens pertinentes às quatro amostras descritas no parágrafo anterior, foi incluído um modelo contendo todos os vestibulandos participantes, mas que exclui os candidatos de cursos com escassa competição, denominado "Modelo Completo" nas tabelas com os resultados das regressões logísticas. Além disso, as variáveis independentes foram organizadas

em quatro grupos categóricos, representados no Diagrama 1, e descritos na Tabela 2. Eles analisam a influência de determinantes da aprovação ou não em quatro conjuntos de variáveis independentes: propensão ao trabalho, consumo familiar, consumo cultural, e origem socioeconômica e ocupacional.

Diagrama 1 – Representação dos conjuntos de modelos em função das variáveis independentes

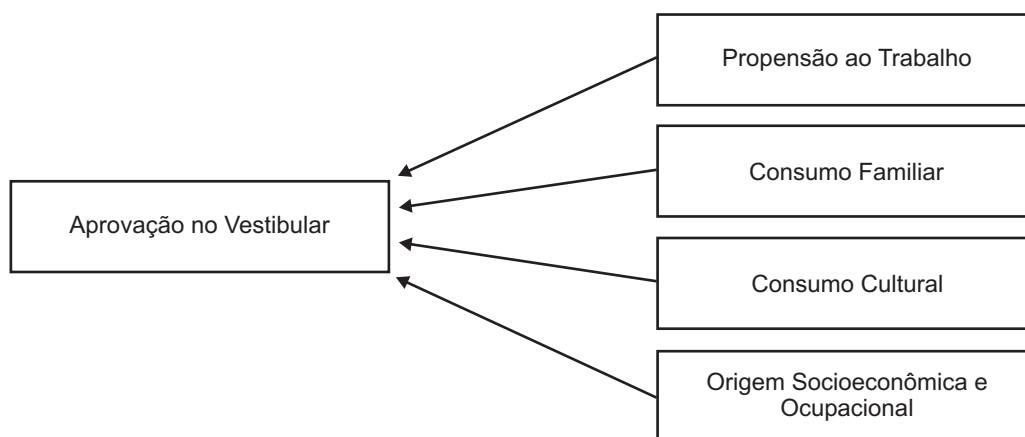


Tabela 2 – Descrição dos grupos categóricos das variáveis utilizadas na regressão múltipla logística dos determinantes da aprovação no vestibular da UFRJ – 1993

Grupos categóricos de variáveis independentes			
I	II	III	IV
Propensão ao trabalho	Consumo familiar	Consumo cultural	Origem socioeconômica e ocupacional
Idade do 1º trabalho	Quantidade de livros no domicílio familiar	Leitura de livros	Ocupação principal do pai
Trabalha no momento			
Pretende trabalhar no curso universitário	Casa própria	Cursos extracurriculares	Nível de instrução do pai
Tipo de escola (pública ou privada)	Posse de domicílio de lazer		
Turno em que estudou no 2º grau	Posse de automóvel	Domínio de língua estrangeira	Renda familiar mensal

O perfil socioeconômico e cultural dos vestibulandos

O argumento dos defensores do caráter elitista da universidade pública brasileira pressupõe a existência de um corpo discente com elevada seletividade social. Logo, os estudantes do ensino superior público seriam indivíduos de elevada origem social, e os *campi* universitários seriam freqüentados por um alunato altamente selecionado. Contudo, o próprio perfil socioeconômico dos vestibulandos não apresenta características populares, como também não contém nenhum indicativo de que o candidato à UFRJ é um estudante de elevado estrato social.

A análise dos percentuais das variáveis relativas à participação dos vestibulandos, em atividades remuneradas antes do vestibular, parece confirmar, em princípio, a tese "elitista" do recrutamento dos estudantes nas universidades públicas. A maior parte dos estudantes, 64,7%, nunca trabalhou, e 75,5% não exercem atividades remuneradas no momento. Para 68,9% dos estudantes, as atividades de trabalho durante o curso devem ser desenvolvidas nos períodos próximos à formatura ou apenas como treinamento para uma vida profissional futura. Neste caso, o trabalho não é visto como uma necessidade de sobrevivência, mas como parte integrante da formação escolar.

Além disso, 64,4% dos estudantes estudaram em escolas privadas e 75,7% o fizeram no turno diurno. Porém, não existe associação entre a posse dos livros em casa e a competitividade no vestibular. Praticamente, a metade dos vestibulandos, 46,1%, têm de 21 a 100 livros. Por outro lado, uma minoria declarou possuir mais de 500 livros, enquanto um desprezível percentual de 0,4% declarou não possuir nenhum livro. A posse de bens de origem cultural no domicílio familiar não parece discriminar os candidatos da UFRJ, e o mesmo ocorre com a posse de automóveis: 44% das famílias dos vestibulandos têm um automóvel, e a relação entre a posse de um carro e a competitividade não é explícita.

Contudo, as desigualdades sociais entre os vestibulandos são identificadas de forma mais clara através da análise da posse dos imóveis próprios. Os alunos cujas famílias os possuem representam

62,9% da amostra utilizada neste estudo, e os estudantes de carreiras com alta ou média competitividade são os que apresentam os maiores percentuais de posse de imóvel de lazer, em torno de 35%, cujo percentual total de posse é de 23,7% para o universo de vestibulandos. Em ambas as modalidades de propriedade imobiliária, os estudantes com melhores condições financeiras estão concentrados nas escolhas de carreiras de alta e média competitividade.

A análise dos percentuais de leitura de livros não-escolares durante o ano revela que os hábitos de leitura são escassos entre os vestibulandos. Apenas 9,7% destes leram no ano de 1993 mais de onze livros, enquanto 38,2% declararam a leitura de, pelo menos, três a cinco livros. Já a prática de atividades extracurriculares não é exercida por 46% dos candidatos, enquanto 31,5% dos candidatos declararam não ter domínio de nenhum idioma estrangeiro e 61,6% apresentam esta habilidade de forma razoável.

A inadequação dos pretendentes ao futuro mercado de trabalho, destinado aos portadores de diploma de nível superior, é expressiva: 54,2% dos estudantes declararam freqüentar algum curso extracurricular (línguas estrangeiras, ginástica/balé/esportes, música, artes e outros) e 1/3 dos vestibulandos não tem domínio de nenhum idioma estrangeiro. Entretanto, o mercado de trabalho atual requer cultura geral e o domínio de um idioma como aspectos essenciais da "empregabilidade".

Em 1993, 71,2% dos candidatos ao vestibular da UFRJ apresentavam origem paterna em grupos de *status* mais elevado (banqueiros e grandes empresários; proprietários; gerentes e ocupações de nível superior). Porém, existe um contingente expressivo de estudantes de origem social modesta, representado por 28,8% dos vestibulandos cujos pais exerciam ocupações incluídas dentro dos grupos manuais ou que exigem apenas o 2º grau. Contudo, apenas 0,8% dos estudantes apresenta pais que trabalham no meio rural. Este fato é coerente com a bibliografia sobre mobilidade social no Brasil (Silva, 1981, p. 34), uma vez que os egressos de grupos ocupacionais de base rural apresentam escassas chances de mobilidade social.

A análise dos percentuais de escolaridade dos pais dos vestibulandos revela que quanto maior o investimento em escolaridade, maiores serão as chances de os

alunos serem vestibulandos. Enquanto apenas 1,2% dos candidatos tinha pais sem instrução, esse percentual cresce para 15,4% para vestibulandos com educação paterna até o nível primário, para 23,2% com o nível secundário e 45,4% com a escolaridade superior. O ensino escolar brasileiro favorece os vestibulandos cujos pais têm nível superior; contudo, também permite que um percentual significativo de candidatos, com baixa origem social, possa entrar na disputa por uma vaga numa das mais tradicionais universidades públicas do Brasil – o que faz o sistema escolar brasileiro ser relativamente democrático em relação à imagem da universidade supostamente elitista a ela atribuída por muitos formadores de opinião. É o que mostra o próximo tópico.

O teste da hipótese: os determinantes da aprovação no vestibular e o perfil socioeconômico e cultural dos aprovados no vestibular da UFRJ

Pretendemos analisar modelos de regressão múltipla logística,⁴ conforme o especificado na equação abaixo:

$$\ln(P/1-P) = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \beta_2 X_2 + \dots + \beta_n X_n$$

onde P é a quantidade de pessoas que foram aprovadas no vestibular, variável dependente. Já $\sum \beta_i$ são os coeficientes das categorias das variáveis independentes empregadas neste estudo. Neste caso, as estimativas dessas categorias são elaboradas a partir de uma categoria de referência – método denominado "desvios perante a média" (Hosmer, Lemeshow, 1989). A não-rejeição da hipótese nula consiste na equivalência entre os sinais dos coeficientes das categorias das variáveis que caracterizem a alta origem social dos vestibulandos nas quatro amostras empregadas neste estudo enquanto determinante de aprovação no vestibular. Ou seja, independente da competitividade (relação candidato/vaga), os sinais das categorias das variáveis que indiquem melhores condições em termos de *status* socioeconômico e cultural serão sempre positivos. Se os defensores da tese de que a universidade pública é de elite estiverem com a

razão, os modelos analisados neste estudo teriam coeficientes das variáveis independentes com sinais parecidos com os descritos na Tabela 3a.



⁴ Utilizamos o programa estatístico SPSS.

Tabela 3a – Sinais hipotéticos das estimativas dos modelos de regressão logística, caso a UFRJ fosse uma universidade composta por um corpo discente de elite
Variável dependente: aprovação no vestibular da UFRJ – 1993
Variáveis independentes: propensão ao trabalho

	Modelo completo	Muito alta competição	Alta competição	Média competição	Baixa competição
Idade do 1º trabalho					
Nunca trabalhou	+	+	+	+	+
Antes dos 14 anos	-	-	-	-	-
Entre 14 e 16 anos	-	-	-	-	-
Entre 17 e 18 anos	-	-	-	-	-
Trabalha no momento					
Não	+	+	+	+	+
Sim, em tempo parcial	-	-	-	-	-
Sim, em tempo integral	-	-	-	-	-
Pretende trabalhar no curso universitário					
Não	+	+	+	+	+
Sim, apenas em estágio	+	+	+	+	+
Sim, nos últimos anos	+	+	+	+	+
Sim, desde o primeiro ano – em tempo parcial	-	-	-	-	-
Tipo de escola no 2º grau					
Pública	-	-	-	-	-
Particular	+	+	+	+	+
Maior parte, pública	-	-	-	-	-
Turno da escola 2º grau					
Todo no diurno	+	+	+	+	+
Todo no noturno	-	-	-	-	-
Maior parte no diurno	-	-	-	-	-

Ou seja, independente da competitividade de cada grupo de carreiras, os que não ou nunca trabalham, os que pretendem trabalhar pelo menos nos últimos semestres do curso superior, os que estudaram em escola particular e fizeram os seus estudos de segundo grau no curso diurno deveriam ter mais chances relativas de aprovação no vestibular do que os outros vestibulandos.

A Tabela 3b mostra o resultado do texto de saída, que é coerente com a tese da seletividade no recrutamento no curso

superior, descrevendo as estimativas da modelagem referente à propensão ao trabalho como determinante de aprovação no vestibular.

A análise das estimativas que dizem respeito à modelagem relacionada à influência da propensão ao trabalho, por parte do vestibulando, é coerente apenas nos casos de alta competitividade na UFRJ. O trabalho, ou a expectativa deste como um meio de sobrevivência – e não como um complemento à formação profissional e/ou acadêmica, reduz as chances de aprovação

Tabela 3b – Estimativas dos modelos de regressão logística
Variável dependente: aprovação no vestibular da UFRJ – 1993
Variáveis independentes: propensão ao trabalho
Método: Enter

	Modelo completo	Muito alta competição	Alta competição	Média competição	Baixa competição	
Idade do 1º trabalho						
Nunca trabalhou	0,12	0,1	0,049	0,21	0,208	
Antes dos 14 anos	- 0,20	0,2	0,07	- 0,23	- 0,37	
Entre 14 e 16 anos	0,02	- 0,12	0,05	0,12	0,007	
Entre 17 e 18 anos	- 0,003	- 0,2	- 0,19	- 0,02	0,02	
Trabalha no momento						
Não	0,1	0,52	0,07	0,17	0,04	
Sim, em tempo parcial	- 0,02	- 0,44	- 0,05	0,07	0,03	
Sim, em tempo integral	- 0,17	- 0,55	- 0,18	- 0,27	- 0,04	
Pretende trabalhar no curso universitário						
Não	- 0,32	- 0,2	- 0,21	- 0,11	- 0,13	
Sim, apenas em estágio	0,07	0,4	0,09	0,22	- 0,01	
Sim, nos últimos anos	0,28	0,4	0,27	0,37	0,25	
Sim, desde o primeiro ano – em tempo parcial	0,1	- 0,14	- 0,02	0,08	0,05	
Tipo de escola no 2º grau						
Pública	0,19	0,54	0,14	0,2	- 0,02	
Particular	- 0,03	0,41	- 0,12	0,09	0,05	
Maior parte, pública	0,04	- 0,24	0,18	- 0,14	0,21	
Turno da escola 2º grau						
Todo no diurno	0,43	1,5	0,67	0,55	0,31	
Todo no noturno	- 0,44	- 0,4	- 0,50	- 0,44	- 0,41	
Maior parte no diurno	0,40	1,68	0,39	0,50	0,39	
Constante						
	- 2,4	- 5,84	- 2,69	- 2,5389	- 1,2402	
Teste de Hosmer e Lemeshow	χ^2	11,3595	4,2783	21,1919	9,7878	9,2546
	G.L	7	7	7	7	7
	Sig.	0,1237	0,6391	0,0067	0,2802	0,3213

no vestibular dos estudantes que trabalham. O mesmo ocorre com o turno no qual o vestibulando estudou no segundo grau, uma vez que o turno da tarde ou da manhã aumenta de forma significativa as chances de aprovação no vestibular, enquanto o estudo no turno noturno as reduz. O fato de a escola ser pública ou privada tem efeito

no modelo completo e nos cursos de maior competitividade. Porém, o mesmo não ocorre nas modelagens pertinentes às amostras de candidatos aos cursos de alta, média e baixa competição.

A análise dos percentuais das variáveis independentes da Tabela 3b é coerente com a idéia de recrutamento seletivo

dos estudantes da UFRJ. Contudo, isto ocorre quando consideramos a relação do vestibulando com a necessidade ou não de trabalhar. Entre os aprovados no vestibular, 70,4% nunca trabalharam; 64% cursaram o segundo grau em escolas particulares e 82% estudaram no turno diurno.

Já a Tabela 4a mostra as estimativas que a UFRJ deveria ter, caso ela tivesse uma seleção escolar de elite. Ou seja, as categorias referentes aos que possuem mais de 201 livros, casa própria, posse de domicílio de lazer e a propriedade de mais de um automóvel deveriam ser positivas, o que seria típico de um recrutamento de elite.

Tabela 4a – Sinais hipotéticos das estimativas dos modelos de regressão logística, caso a UFRJ fosse uma universidade composta por um corpo discente de elite
Variável dependente: aprovação no vestibular da UFRJ – 1993
Variáveis independentes: capacidade de consumo familiar

	Modelo completo*	Muito alta competição	Alta competição	Média competição	Baixa competição
Quantidade de livros no domicílio familiar					
Nenhum	-	-	-	-	-
Até 20	-	-	-	-	-
De 21 a 50	-	-	-	-	-
De 51 a 100	-	-	-	-	-
De 101 a 200	-	-	-	-	-
De 201 a 500	+	+	+	+	+
Casa própria	+	+	+	+	+
Própria, já quitada	-	-	-	-	-
Própria, não acabou de pagar	-	-	-	-	-
É alugada	-	-	-	-	-
Posse de domicílio de lazer					
Sim	+	+	+	+	+
Posse de automóvel					
Não tem	-	-	-	-	-
Tem apenas um	-	-	-	-	-
Tem dois	+	+	+	+	+

* Inclui todos os vestibulandos, excluindo os que se inscreveram em cursos de escassa relação candidato/vaga.

Já a modelagem na Tabela 4b representa a influência observada das categorias das variáveis de consumo familiar enquanto determinante da aprovação no vestibular. Ou seja: será que a posse de bens que propiciam conforto familiar aumenta as chances de aprovação? As estimativas encontradas são bem diversas do que a hipótese nula da seletividade da seleção da UFRJ em 1993.

Dentre as variáveis pertencentes ao modelo, apenas a quantidade de livros no domicílio familiar e a posse de automóveis apresentam impacto significativo na aprovação no vestibular, nas quatro subamostras. Quanto maior for o estoque de bens culturais no domicílio familiar, maiores serão as chances de aprovação – e este fato é bem claro apenas para os cursos de maior competitividade e no modelo

Tabela 4b – Estimativas dos modelos de regressão logística
Variável dependente: aprovação no vestibular da UFRJ – 1993
Variáveis independentes: capacidade de consumo familiar
Método: Enter

	Modelo completo*	Muito alta competição	Alta competição	Média competição	Baixa competição	
Quantidade de livros no domicílio familiar						
Nenhum	- 0,5	0,6	- 0,8	- 0,2	- 0,8	
Até 20	- 0,66	- 0,7	- 1,12	- 0,8	- 0,5	
De 21 a 50	- 0,27	- 0,7	- 0,27	- 0,37	- 0,16	
De 51 a 100	0,02	- 0,4	0,01	0,01	0,16	
De 101 a 200	0,23	0,02	0,46	0,21	0,23	
De 201 a 500	0,57	0,3	0,86	0,56	0,61	
Casa própria						
Própria, já quitada	0,009	0,17	0,06	0,06	- 0,08	
Própria, não acabou de pagar	0,06	- 0,07	0,07	0,12	0,09	
É alugada	- 0,008	- 0,24	- 0,12	0,06	0,05	
Posse de domicílio de lazer						
Sim	- 0,013	0,04	- 0,005	0,027	- 0,012	
Posse de automóvel						
Não tem	- 0,09	- 0,38	- 0,13	- 0,34	- 0,14	
Tem apenas um	0,057	0,04	0,08	- 0,001	0,22	
Tem dois	0,06	0,49	- 0,04	0,18	0,11	
Constante						
	- 1,99	- 3,47	- 2,46	- 1,72	- 0,9059	
Teste de Hosmer e Lemeshow	χ^2	1,3297	1,3510	8,3283	10,84	4,8274
	G.L	8	8	8	8	8
	Sig.	0,9952	0,9949	0,4021	0,2109	0,7758

* Inclui todos os vestibulandos, excluindo os que se inscreveram em cursos de escassa relação candidato/vaga.

completo. Os cursos menos seletivos revelam que alunos oriundos de domicílios com médio investimento literário têm chances de aprovação, mas suas possibilidades de aprovação são bem reduzidas nos cursos com maior competitividade. Já a ausência de automóvel reduz as chances de aprovação, enquanto a posse de dois automóveis aumenta essas chances. Contudo, a posse do domicílio de lazer e da casa própria não apresentam estimativas significativas – exceto para os cursos de muito elevada competição, onde a posse

da casa própria aumenta a chance de aprovação.

Os percentuais das variáveis explanatórias da Tabela 4b descrevem as famílias dos estudantes aprovados no vestibular da UFRJ como tipicamente integrantes da classe média. 73,4% dos alunos não têm imóvel de lazer, mas 64,8% deles são oriundos de famílias que têm casa própria quitada e 47,1% dos aprovados possuem, pelo menos, um automóvel na família. Os percentuais modais de livros no domicílio são de 22,2% (51 a 100 livros por domicílio)

e de 21,7% (de 101 a 200 livros por casa). Por outro lado, a presença de estudantes com melhores condições socioeconômicas e de sólida formação intelectual não constitui maioria: quase 1/3 dos estudantes aprovados tem famílias com imóvel de lazer, e aproximadamente 1/5 dos calouros declararam possuir mais de 500 livros. Apenas 5,8% das famílias dos aprovados têm mais de dois automóveis.

Porém, os percentuais das variáveis indicadoras de padrões de consumo cultural indicam que a maior parte (38,6%) dos estudantes aprovados leram entre três a cinco livros não-escolares por ano; e 70% dos aprovados declararam ter conhecimentos razoáveis de apenas um idioma estrangeiro. Não são percentuais compatíveis com um corpo discente de elevados estratos sociais. Apesar de 60% dos aprovados terem praticado alguma atividade extracurricular (línguas estrangeiras, balé, música, artes), apenas 11,2% dos calouros dominavam plenamente um idioma

estrangeiro. Entretanto, conforme as estimativas dos modelos de regressão logística que na Tabela 5b revelam, as chances de aprovação no vestibular são bem mais elevadas para os estudantes com maior capital cultural – o que reforça o peso das variáveis de capital cultural. Mas, mesmo assim, uma parcela bem expressiva dos calouros da UFRJ não correspondem ao perfil esperado de um aluno oriundo de um corpo discente muito selecionado: alto consumo de livros não-escolares e pleno domínio de um idioma estrangeiro.

Já a Tabela 5a descreve os sinais das estimativas esperadas, caso a hipótese da seletividade no vestibular de 1993 fosse verdadeira. Ou seja, apenas os que lêem mais de seis livros, os que fazem atividades extracurriculares e os que dominam um ou mais idiomas seriam os aprovados, independente da seletividade do curso em disputa. Contudo, a Tabela 5b revela um panorama diferente.

Tabela 5a – Sinais hipotéticos das estimativas dos modelos de regressão logística, caso a UFRJ fosse uma universidade composta por um corpo discente de elite
Variável dependente: aprovação no vestibular da UFRJ – 1993
Variáveis independentes: capacidade de consumo cultural
Método: Enter

	Modelo completo	Muito alta competição	Alta competição	Média competição	Baixa competição
Leitura de livros					
Nenhum	-	-	-	-	-
1 a 2	-	-	-	-	-
3 a 5	-	-	-	-	-
6 a 10	+	+	+	+	+
Cursos extracurriculares					
Não	-	-	-	-	-
Sim, Idiomas	+	+	+	+	+
Sim, Esportes, Dança	+	+	+	+	+
Sim, Música	+	+	+	+	+
Sim, Artes	+	+	+	+	+
Domínio de língua estrangeira					
Domina bem um ou dois idiomas	+	+	+	+	+
Domina de forma razoável	-	-	-	-	-

Tabela 5b – Estimativas dos modelos de regressão logística
Variável dependente: aprovação no vestibular da UFRJ – 1993
Variáveis independentes: capacidade de consumo cultural
Método: Enter

		Modelo completo	Muito alta competição	Alta competição	Média competição	Baixa competição
Leitura de livros						
Nenhum		- 0,04	- 0,38	0,07	0,008	- 0,28
1 a 2		- 0,02	0,04	- 0,15	0,03	0,09
3 a 5		- 0,004	0,1	- 0,08	0,05	0,08
6 a 10		0,01	0,23	- 0,004	- 0,017	0,07
Cursos extracurriculares						
Não		- 0,07	0,63	0,02	- 0,04	- 0,02
Sim, Idiomas		0,14	0,8	0,26	0,22	0,19
Sim, Esportes, Dança		- 0,005	0,8	- 0,02	0,19	- 0,02
Sim, Música		0,02	1,16	- 0,03	- 0,07	0,17
Sim, Artes		0,28	- 3,14	0,01	0,34	- 0,07
Domínio de língua estrangeira						
Domina bem um ou dois idiomas		0,47	1,07	0,66	0,57	0,35
Domina de forma razoável		0,07	0,2	0,11	0,12	0,15
Constante						
		- 1,75	- 4,16	- 2,12	- 1,6164	- 0,7810
Teste de Hosmer e Lemeshow	χ^2	9,4236	7,6050	5,98	7,73	5,4214
	G.L	8	8	8	8	8
	Sig.	0,3078	0,47	0,64	0,46	0,7117

É interessante constatar como as variáveis de consumo cultural apresentam padrões de influência na aprovação no vestibular de forma tão heterogênea. A leitura de livros não influencia a aprovação, considerando-se o universo de estudantes que prestaram o vestibular, e o mesmo ocorre nos cursos de média competição. Entretanto, nos cursos de "Muito Alta Competição", quanto maior for a quantidade de livros lidos, maiores serão as chances de aprovação em relação aos estudantes que não lêem nenhum livro, enquanto a leitura de nenhum a um ou dois livros apresenta influência apenas nos cursos de alta e baixa competição. De uma forma geral, o domínio de um idioma aumenta as chances de aprovação no vestibular, independentemente da

competitividade da carreira escolhida. Por outro lado, a prática de quase todas as modalidades de práticas extracurriculares influencia na aprovação em cursos mais competitivos – excluindo-se Artes – e afeta o êxito nos cursos de média competição. A Tabela 5b corrobora a evidência de que estudantes com elevado capital cultural⁵ têm maiores chances de aprovação em competições acadêmicas de elevada concorrência.

A Tabela 6a descreve as estimativas esperadas, caso a hipótese nula não fosse rejeitada, ou seja, a seleção do vestibular na UFRJ, em 1993, recrutaria uma elite cujos pais seriam banqueiros ou altos proprietários, possuidores de elevadas rendas.

⁵ O conceito de capital cultural desenvolvido por Bourdieu – numa definição bem concisa – refere-se à aquisição, por parte de um dado indivíduo, do conjunto de bens culturais, como livros, frequência a peças teatrais, conhecimento de artes plásticas, enfim, o acesso à cultura de uma forma geral. A quantidade de capital cultural acumulado estaria associada à *performance* de uma dada pessoa no sistema escolar. (Bourdieu, Passeron, 1975).

Tabela 6a – Estimativas dos modelos de regressão logística
Variável dependente: aprovação no vestibular da UFRJ – 1993
Variáveis independentes: origem socioeconômica e ocupacional

	Modelo completo	Muito alta competição	Alta competição	Média competição	Baixa competição
Ocupação principal*					
Industrial, banqueiro...	+	+	+	+	+
Proprietário	+	+	+	+	+
Diretor, administrador...	+	+	+	+	+
Ocupação de nível superior	+	+	+	+	+
Ocupação de nível secundário	-	-	-	-	-
Nível de Instrução*					
Nenhum ano de estudo	-	-	-	-	-
Até o primário	-	-	-	-	-
Até o ginasial	-	-	-	-	-
Até o colegial	+	+	+	+	+
Renda familiar mensal					
Até Cr\$ 230.000,00	-	-	-	-	-
De Cr\$ 230.001,00 até Cr\$ 750.000,00	-	-	-	-	-
De Cr\$ 750.001,00 até Cr\$ 2.000.000,00	+	+	+	+	+
De Cr\$ 2.000.001,00 até Cr\$ 5.000.000,00	+	+	+	+	+

* Refere-se ao pai do vestibulando.

A análise dos percentuais das variáveis independentes da Tabela 6b revela que os aprovados no vestibular da UFRJ em 1993 apresentam um padrão socioeconômico de classe média. 46,4% dos estudantes têm pais exercendo ocupações de nível superior, enquanto apenas 18,9% dos aprovados no vestibular apresentam origem paterna em estratos ocupacionais mais altos (industriais, banqueiros; proprietários ou diretores/gerentes). Apenas 22,8% dos calouros tinham renda familiar maior do que 5 mil cruzeiros, enquanto 39,7% dos alunos apresentavam renda familiar na faixa compreendida entre 3 mil e 5 mil cruzeiros. 56,1% dos graduandos apresentavam pais com escolaridade superior, completa ou não.

A modelagem descrita na Tabela 6 é completamente atípica, pois os resultados das estimativas dos modelos não é congruente com o comportamento descrito

na bibliografia para as variáveis independentes. A influência da ocupação, renda e escolaridade dos pais no destino social dos filhos sempre esteve estruturada da seguinte forma: os grupos de maior *status*, renda e anos de estudo teriam filhos com maiores chances de sucesso no sistema escolar. Entretanto, as estimativas dos modelos descritos na tabela anterior não confirmam essa idéia.

As categorias ocupacionais de grandes industriais/banqueiros, além das ocupações de nível superior, apresentam estimativas de valor negativo em todos os modelos analisados. Os coeficientes da variável *escolaridade* nos modelos relativos a "muito alta competição" e "baixa competição" apresentam valores coerentes as categorias da variável *nível de instrução* nos outros modelos apresentaram, em termos gerais, estimativas insignificantes. A variável *renda* está aparentemente subestimada,

já que o esperado era que ela apresentasse estimativas significativas.

Em resumo, a análise dos modelos de regressão múltipla logística não confirma a opinião de muitos formadores de opinião acerca do "elitismo" da universidade pública brasileira, pelo menos no caso da UFRJ. Se ela fosse realmente uma universidade de elite, todas as estimativas indicadoras de maior origem socioeconômica e cultural, além do consumo familiar e cultural, deveriam ser positivas nos atributos de maior *status* social – independentemente da competitividade do curso. Contudo, o que foi observado foi uma notável heterogeneidade

nas estimativas dos modelos. As carreiras mais concorridas, como Medicina e Odontologia, realmente apresentam perfil bem seletivo. Entretanto, o mesmo não é válido quando analisamos os determinantes de aprovação nos outros grupos de carreira. Além disso, os percentuais das freqüências das variáveis independentes revelam que uma parcela considerável do alunado da UFRJ apresenta um padrão socioeconômico muito mais próximo de um estrato médio do que de uma elite estudantil em termos de origem socioeconômica.

Tabela 6b – Estimativas dos modelos de regressão logística
Variável dependente: aprovação no vestibular da UFRJ – 1993
Variáveis independentes: origem socioeconômica e ocupacional

	Modelo completo	Muito alta competição	Alta competição	Média competição	Baixa competição	
Ocupação principal*						
Industrial, banqueiro...	- 0,19	- 0,62	- 0,05	- 0,036	- 0,49	
Proprietário	0,07	0,49	0,61	0,25	0,2	
Diretor, administrador...	0,14	0,63	0,20	0,16	0,08	
Ocupação de nível superior	- 0,43	- 2,21	- 0,58	- 0,75	- 0,23	
Ocupação de nível secundário	0,24	1,006	0,23	0,29	0,27	
Nível de Instrução*						
Nenhum ano de estudo	0,15	- 2,02	- 0,02	0,04	- 0,47	
Até o primário	- 0,09	0,5	- 0,09	- 0,17	- 0,1	
Até o ginásial	- 0,04	0,32	- 0,11	- 0,08	- 0,02	
Até o colegial	0,5	0,30	0,002	- 0,07	0,29	
Renda familiar mensal						
Até Cr\$ 230.000,00	- 0,2	- 0,02	- 0,5	- 0,38	- 0,02	
De Cr\$ 230.001,00 até Cr\$ 750.000,00	0,27	0,65	0,53	0,47	0,1	
De Cr\$ 750.001,00 até Cr\$ 2.000.000,00	- 0,14	- 0,51	- 0,4	- 0,3	- 0,13	
De Cr\$ 2.000.001,00 até Cr\$ 5.000.000,00	- 0,06	- 0,38	0,05	- 0,08	- 0,02	
Constante	- 2,1464	- 4,95	- 2,58	- 2,01	- 1,03	
Teste de Hosmer e Lemeshow	χ^2	15,7162	6,5562	10,89	9,05	6,34
	G.L	7	7	7	7	7
	Sig.	0,0278	0,5852	0,2	0,33	0,608

* Refere-se ao pai do vestibulando.

Conclusão

A imagem das universidades públicas brasileiras ainda é descrita pelo adjetivo "elitista" por muitos formadores de opinião. Segundo estes, o sistema de ensino superior público no Brasil é muito seletivo em termos socioeconômicos e fortemente discriminatório em relação a estudantes com baixa ou média origem socioeconômica, como se os vestibulandos brasileiros sofressem o mesmo tipo de processo seletivo de uma universidade da *Ivy League* do início do século dos Estados Unidos, tal qual descreve (Galbraith, 1985). A análise dos percentuais do perfil socioeconômico e cultural dos aprovados, bem como o dos vestibulandos, no vestibular da UFRJ, em 1993, não são compatíveis com a idéia de que os referidos alunos são integrantes exclusivamente dos estratos mais altos da sociedade brasileira.

O objetivo deste artigo foi testar a hipótese de que a universidade pública brasileira não é tão seletiva em termos sociais quanto muitos formadores de opinião apontam, utilizando como estudo de caso os determinantes da aprovação no vestibular na UFRJ em 1993. A análise dos modelos de regressão múltipla logística, efetuada em dados da pesquisa sociocultural aplicada nos vestibulandos da UFRJ, revela que ocorre uma consistente seletividade social no recrutamento dos seus futuros graduandos. Porém, os coeficientes não estatisticamente significativos, encontrados em algumas variáveis independentes da origem social, não corroboram a idéia de uma seleção social "elitista" na referida instituição, quando controlamos a modelagem estatística analisada pela competitividade (relação candidato/vaga) dos cursos.

Referências bibliográficas

- BARROS, Alexandre de S. C. A formação das elites e a continuação da construção do estado nacional brasileiro. *Dados*, n. 15, p. 101-122, 1977.
- BEZZON, Lara Andréa Crivelo. *Análise do socioeconômico cultural dos ingressantes na Unicamp (1987-1994) : democratização ou elitização*. São Paulo : Nupes/USP, 1997. (Documentos de Trabalho, n. 2/97).
- BOURDIEU, Pierre. *La noblesse d'état : grandes ecoles et esprit de corps*. Paris : Les Éditions de Minuit, 1989.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. 2. ed. São Paulo : Perspectiva, 1982.
- _____. *La distinction : critique sociale du judgement*. Paris : Les Éditions de Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean Claude. *A reprodução : elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro : Ed. Francisco Alves, 1975.
- ESTUDANTE de escola pública se exclui do exame da Unicamp. *Folha de S. Paulo*, 6 out. 1994. Caderno Fovest 95, p. 1.
- GALBRAITH, John Kenneth. *Uma vida em nossos tempos*. Brasília : Ed. UnB, 1985.
- GASPARI, Elio. Entrevista de José Arthur Giannotti. *O Globo*, 13 dez. 1998. Caderno "O País", p. 14.
- HOSMER, David, LEMESHOW, Stanley. *Applied logist regression*. New York : John Wiley & Sons, 1989.
- SAMPAIO, Helena. *Evolução do ensino superior brasileiro, 1908-1990*. São Paulo : Nupes/USP, 1991. (Documentos de Trabalho, n. 8/91).
- SILVA, Nelson do Valle. *Independência, quase-independência e a mobilidade social no Brasil*. Rio de Janeiro : Laboratório de Computação Científica/CNPq, 1981. (Relatório de Pesquisa e Desenvolvimento, n. 2/81). Mimeogr.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *Manual do vestibulando*. Rio de Janeiro : UFRJ, 1993.

_____. *Manual do vestibulando*. Rio de Janeiro : UFRJ, 1994.

Recebido em 20 de agosto de 1999.

Marcelo Costa Ferreira é doutorando em Ciência Política no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ).

Abstract

Brazilian public universities are described as elitist by many opinion formers. However, the data analysis of multiple regression logistic models in the social cultural questionnaire research applied on university applicants of The Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) – Brazil in 1993, shows weak coefficients in some independent variables of social origin that do not support an elitist image concerning entrance exam. Moreover, many coefficient variables of statistical modeling related to high social origin are not statistically significant when controlled by the competitiveness of each course (candidate vacancies relation). In short, the percentages of social economic and cultural features of approved students in the entrance exam show a student group of middle class profile, not of a upper class one.

Key-words: inequality; higher learning; Sociology of Education.
